

QUINTA-FEIRA • 26 DE MAIO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31048
de 26 de Maio de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

FÉ COM SABOR A SAL

ANDAR AO MAR. ESPERAR. REZAR.

P. 3-5

DIACONISAS NA IGREJA? A PERGUNTA É MAIS IMPORTANTE DO QUE A RESPOSTA



PAULO TERROSO

PAZ

Ainda às voltas com apresentações, interpretações e implicações pastorais da Exortação Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, e já o Papa Francisco lança mais um assunto eclesialmente controverso: a constituição de uma Comissão para estudar a possibilidade do diaconado feminino. Francisco não dá sinais de abrandar o seu ímpeto reformador. O inesperado anúncio aconteceu durante a XX Assembleia Plenária da União das Superiores Gerais, no passado 12 de Maio, no Vaticano, na sequência de uma sessão de perguntas e respostas entre Francisco e as religiosas.

Quem de perto segue o pontificado sabe que Francisco não improvisa. Mesmo quando não segue o discurso escrito. Desde as homilias matinais na capela da Casa Santa Marta, às

frases de efeito, aos gestos, nada em Francisco é fruto do acaso, mas tudo muito bem pensado e discernido na oração, certamente. É um estratega, não fosse ele um jesuíta.

Seria ingénuo pensar que Francisco, ao fazer este anúncio, não saberia que iria causar duas reações diametralmente opostas: apreensão e medo em quem vê no diaconado feminino o cavalo de Tróia do sacerdócio, e esperança

respeito à ordenação de mulheres, a Igreja já se pronunciou e disse «não». João Paulo II pronunciou-se com uma formulação definitiva, essa porta está fechada”, respondeu aos jornalistas no avião que o trazia de regresso a Roma depois da Jornada Mundial da Juventude 2013, no Rio de Janeiro, Brasil.

Independentemente da conclusão da Comissão que vier a ser criada,



e gáudio de quem vê na decisão uma porta meia-aberta para quem tanto o reclama e o deseja. E, no entanto, nem Francisco quer clericalizar as mulheres, nem fecha a possibilidade de um exercício no feminino do diaconado. Caso contrário teria liminarmente rejeitado considerar a questão, como já o fez quando questionado sobre a possibilidade da ordenação de mulheres. “No que diz

— manter as coisas tal como estão ou ordenar mulheres como diáconos — o abrir à discussão desta matéria conduzirá, por si só, a efeitos muito concretos no catolicismo, deduz o jornalista estadunidense David Gibson num artigo intitulado *How the pope's opening on women deacons can change catholicism* (Como a abertura do papa às mulheres diáconos pode mudar o catolicismo). David Gibson

considera pelo menos três efeitos concretos:

1. O início de uma genuína exploração da teologia no feminino e da participação das mulheres na vida da Igreja que clarificará “exactamente quais as áreas abertas, e porquê, ou porque não”.
2. O início do aprofundamento da teologia do diaconado. Ou seja, o que é que significa exactamente ser diácono, não só sobre as mulheres como diaconisas, mas a própria teologia do diaconado na sua globalidade.
3. Vai impulsionar a dinâmica de diálogo e discernimento deste pontificado. Com Francisco já todos percebemos que não há respostas pré-fabricadas, de algibeira. Ele não só está aberto e disponível para discutir com sinceridade e transparência as propostas que lhe são apresentadas, como quer que “o discernimento seja o processo através do qual a Igreja toma decisões”, como assinala o padre jesuíta Thomas Reese comentando a resposta do Papa à questão da ordenação de mulheres diaconisas. Uma análise retrospectiva dos dois sínodos sobre a família, e salvaguardadas as devidas diferenças, permitem-nos antever que mais fecunda que a resposta, que acreditamos ser um sim, é mesmo a pergunta.



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

24 Maio 2016

Deus pode preencher com o seu amor os nossos corações, e permitir que caminhemos juntos em direção à Terra da liberdade e da vida.

23 Maio 2016

Num mundo dividido, comunicar com misericórdia significa contribuir para a proximidade entre os filhos de Deus.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

24 Maio 2016

Deixastes ou tens de deixar alguém (alguma coisa) para seguir Jesus? É Jesus que ocupa o centro da tua vida?
#Twittomilia



ARCEBISPO FILIPINO DISPOSTO A MORRER POR CONDENADOS À MORTE

O Arcebispo de Lipa, nas Filipinas, garante estar disposto a ser executado no lugar “de todos aqueles que o Governo pretenda enforcar”, perante as promessas de reintrodução da pena de morte pelo presidente das Filipinas, Rodrigo Duterte. “Não foi isto que Cristo fez?”, questionou D. Ramón Cabrera Argüelle, citado pelo *site* católico “Cruz”. Já o presidente da Conferência Episcopal pretende agendar uma reunião com o presidente, para demovê-lo da intenção de repor a pena capital, abolida no país em 2006.



BISPOS CONTRA FECHO DE CAMPO DE REFUGIADOS NO QUÊNIA

Os bispos do Quênia manifestaram-se contra o encerramento do campo de refugiados de Dadaab, pedindo ao Governo que reconsidere a decisão. Os bispos alertam para os perigos a que ficarão sujeitos os milhares de pessoas ao abrigo do maior campo de refugiados do mundo. Na nota em que expõem a sua posição, frisam ainda o impacto que o encerramento do campo terá em “toda a região”. “Durante anos, o Quênia tem estado na vanguarda no nobre esforço humanitário para acolher os refugiados de países vizinhos”, acrescentam.



CIMEIRA HUMANITÁRIA. PAPA PEDE APOIO AOS REFUGIADOS

“A nenhum refugiado seja negado acolhimento”, apelou o Papa Francisco, na voz do secretário de Estado do Vaticano, D. Pietro Parolin, presente na primeira Cimeira Humanitária Mundial que decorreu esta semana em Istambul, Turquia. Bergoglio lançou também uma proposta aos presentes: “Ouçamos o pranto das vítimas e daqueles que sofrem”. A Cimeira, organizada pela ONU, juntou mais de 50 líderes mundiais, com o objectivo de encontrar soluções para as crises humanitárias actuais.

FÉ COM SABOR A SAL

FLÁVIA BARBOSA

<i>Dia</i>	①
<i>Partida</i>	09h00
<i>Destino</i>	Caxinas, Vila do Conde
<i>Detalhes</i>	Vento, chuva, mar bravo.

O vento uiva, as nuvens adensam-se, o mar “está bravo”. Nesta manhã cinzenta e de aguaceiros, os barcos não saíram para o mar nas Caxinas, em Vila do Conde. Tem sido assim na maior parte dos dias deste Inverno que se prolongou muito para além da estação. Alfredo Coentrão – mestre do *Viana Coentrão* e proprietário de um armazém de artes de pesca – diz que este é o pior ano das últimas três décadas.

Em terra, a azáfama não larga o armazém do mestre Coentrão. Enthalham-se as redes da faneca e do carapau, preparam-se alcatruzes e covos pelas mãos de quatro homens e uma mulher. Os dedos dançam ágeis, puxam, entrelaçam e desfi-

as artes que irão ajudar a capturar polvo, safio ou faneca. À música de fundo vai-se sobrepondo o sonoro “bom dia” de quem passa ao largo do armazém. Mesmo em terra, o mar e o tempo dominam as conversas.

“Não me recordo de estar tanto tempo parado, de trabalhar tão pouco. Em Janeiro, saímos mais ou menos oito ou nove dias. Em Fevereiro, dez. Março, doze. Em Abril, quinze. Assim torna-se difícil manter as pessoas, a vida não está fácil. Não temos alternativa, estamos sempre à espera do dia seguinte, à espera que melhore e que a gente consiga ir ao mar. É o que temos feito nestes últimos quatro meses. Apanhamos um dia que esteja melhorzinho e damos uma fugida. Mas assim alternados... Trabalhamos dois dias numa semana, noutra dois ou três... Às fugidas!”, desabafa o mestre.

Alfredo Coentrão, de 52 anos, começou a “andar ao mar” depois de concluir a escolaridade obrigatória, com dez anos. Na altura queria continuar a estudar, mas o pai achou que tinha mais perfil para abraçar o oceano. Hoje em dia não se vê a fazer outra coisa. O mar é um companheiro para quem regressa quase todos os dias, que lhe aviva a saudade quando dele se afasta. Mesmo com as incertezas e sobressaltos do trabalho,

o mestre não se deixa abater, chegando mesmo a afastar o rótulo de precariedade. “O mar não acaba. E o peixe também não, graças a Deus!”, remata.

Os Viana Coentrão são uma família do mar, como tantas outras das Caxinas. A esposa de Alfredo é sócia-gerente do armazém, administra a empresa. A filha lá trabalha, nas artes de pesca. O filho primogénito já está a caminho de substituir o pai como mestre da embarcação que une os apelidos do pai e da mãe. Alfredo não disfarça o orgulho quando conta a primeira saída da filha “ao mar”, poucas semanas antes da nossa conversa. “Não enjoou, portou-se muito bem e ajudou muito. E o tempo até não estava muito bom, havia chuva e corria aquela aragem de vento... Está-lhe no sangue!”, sorri o mestre.



ALFREDO COENTRÃO

<i>Dia</i>	②
<i>Partida</i>	10h00
<i>Destino</i>	Caxinas, Vila do Conde
<i>Detalhes</i>	Vento moderado, céu nublado. Possibilidade de aguaceiros.

Quem também se mostra orgulhoso do percurso da descendência é Manuel da Rocha, ou “Né Rocha”, como é conhecido em Vila do Conde. O mestre do *Tânia Vanessa* já leva 42 anos como pescador. No segundo dia em que acompanhámos a vida nas Caxinas, foi um dos poucos a sair para o mar. Mantém-se de pé no *Tânia Vanessa*, indiferente à ondulação capaz de deixar nauseados marinheiros inexperientes como nós. Os olhos azuis claros sobressaem na pele morena, bronzeada pelo sol e pelo mar. Desde há seis anos que é acompanhado pelo filho. “Um orgulho”, nas palavras de Manuel. Nem os sobressaltos trazidos pelo mar o fazem pensar de outra forma.

“Já apanhei muitos sustos, muitos mesmo. O meu irmão faleceu no mar há 25 anos, ele e mais dois tripulantes. Os corpos nunca apareceram. Já morreram muitos aqui. Zona das Caxinas, sabe como é...”, suspira o mestre.

Manuel mostra-nos algum do peixe alado na madrugada anterior. “É pouco, está mau”, diz. Ainda assim, sorri embevecido com a pescaria. As enormes raías, escorregadias por entre as mãos, brilham apesar da ténue luz da alvorada. Para o mestre, o segredo para sobreviver a estas fases más está em nunca esquecer que elas existem, mesmo quando o tempo é favorável à pescaria.

“No Inverno, com o mau tempo, quando o mar está bravo, ficamos muitas vezes em terra. Às vezes também arriscamos, temos que arriscar, senão não ganhamos a vida. Quando estamos muito tempo parados é mau, não se ganha dinheiro... Como é que nos aguentamos? A fazer sacrifícios e a poupar aquilo que ganhamos para quando vem o mau tempo”, explica. “Né” também desvenda outro segredo “que ajuda aos dias mais complicados” e que é comum à maioria dos pescadores: a fé.

(3)	
Dia	06h00
Partida	Caxinas, Vila do Conde
Destino	Mar calmo, nevoeiro durante a manhã.
Detalhes	Céu limpo durante a tarde.

O último dia que passamos nas Caxinas amanhece com nevoeiro, para nós cerrado. Na Doca de Vila do Conde descansam-nos: os barcos saíram e aquela neblina, que a nós não deixa ver um palmo à frente do nariz, não é “nada de especial”. Pelas 07h00, já a lufa-lufa começou, com cada vez mais pessoas no pequeno porto a aguardar o regresso de mestres e pescadores. As mulheres, sorridentes, preparam bancas e utensílios para receber o peixe. O vento frio é cortante, penetra nas roupas e instala-se nos ossos, mas as mulheres parecem indiferentes, os braços nus a levantar e transportar caixas. Há alguns risos e conversas, a sonolência parece ser apenas nossa. Quando os primeiros barcos começam a rasgar as brumas, instala-se o silêncio, apenas interrompido por alguns mal disfarçados suspiros de alívio. Só quando as embarcações atracam é que voltam as conversas, os risos, as ordens.

Este poderia ter sido mais um dia típico na vida de Maria de Fátima, de 56 anos, não fosse o mar ter-lhe levado o marido em Abril de 2014. Maria de Fátima e António Abel casaram novos, ela com 17 anos, ele com 18. Foram felizes, afirma a mulher. Pelo

menos até ao fatídico dia em que o *Mar Nosso* naufragou nas Astúrias, em Espanha. Fátima engana-se quando lhe perguntamos a idade e acrescenta mais um ano aos seus 56. “Estava a pensar no meu marido”, explica, de olhar perdido no vazio. Nove meses antes, António tinha escapado de outro naufrágio. Quando casaram, já ele “andava ao mar”. Fátima suportou as ausências, os sustos, as consumições. Um mar mais encrespado, um vento mais gélido ou nuvens mais cinzentas eram motivos para fazer de um dia normal um aperto no coração. A preocupação piorou quando o filho do casal decidiu seguir as pisadas de António Abel e ir para o mar também. A ansiedade de Fátima duplicou.



MARIA DE FÁTIMA



“O meu marido até dizia que eu me tinha esquecido dele, que só me preocupava com o meu filho. Era diferente, preocupação de mãe. E continua...”, explica a viúva.

O primogénito chegou a abandonar o mar, numa altura muito difícil de revolta com a morte do pai.

“Na altura não aceitou, só perguntava «porquê, mãe?». Um dia sentei-me com ele e pedi-lhe para imaginar que era o dono de um campo muito grande e que tinha plantado nesse campo tudo quanto gostava. Pedi-lhe para imaginar as coisas a crescer, tão bonitas... E se as colhesse e pusesse numa jarra? E se as pusesse em casa para ficarem lá bonitas? Depois disse-lhe para imaginar que com Deus é a mesma coisa. Ele criou-nos, nós estamos todos aqui no mundo... Ele devia imaginar o pai como aquela

flor que está bonita mas à qual podia acontecer alguma coisa que até Deus não gostasse. Então, antes que isso acontecesse, Deus disse: «olha, chegou a tua hora, vou levar-te para perto de mim, pelo menos sei que do lugar que reservei para ti já não saís mais»”.

Pela face de Fátima escorrem lágrimas, a pele reluzente pelo sal e pelo sorriso que, a contrastar com as roupas negras que enverga, mantém. Para não perder a alegria, apoia-se até hoje em duas coisas: na fé e na grande família que as Caxinas formam. Começou a participar na eucaristia com 17 anos, convicta de que o sacramento seria uma espécie de antídoto capaz de prevenir qualquer desgraça relacionada com ela e com a família. Cerca de dez anos depois, compreendeu que “mesmo àqueles que ama, Deus dá provas”. A fé foi

um alicerce firme, ajudou-a a ser forte pelos filhos e netos.

“Nunca me zanguei com Deus. Antes digo que Deus é maravilhoso. Vale a pena confiar em Deus! Ele é que me dá esta força de viver todos os dias, de me levantar e poder sorrir para os meus filhos e me fazer forte. Todos os dias falo com Deus. Gostava que os meus filhos fossem como eu, gostava. Nunca fui pessoa de muito pedir a Deus bens materiais. É o que mais Lhe peço todos os dias: «Senhor, faz com que eu Te seja fiel, que eu nunca Te abandone». E peço-lhe: «Senhor, toca no coração dos meus filhos para que eles sintam por Ti o mesmo amor que eu sinto». Porque vale a pena acreditar em Deus. Vale mesmo a pena”, afirma.

No próximo dia 12 de Setembro, Domingos Ferreira de Araújo será pároco das Caxinas há 40 anos.



MONS. DOMINGOS ARAÚJO

No mesmo dia celebra mais um aniversário. Resume de forma simples as quatro décadas – toda uma vida! – à frente da Igreja de Nosso Senhor dos Navegantes: uma aventura.

“É uma aventura que tem muitas venturas e desventuras, como em todos os lugares. Esta é uma comunidade muito grande, muito interpelativa, com gente muito extrovertida, que procura o sacerdote para quase tudo. O padre é sempre o conselheiro de todos, ou seja, é um trabalho fatigante, mas estimulante também”, diz, sem esconder o orgulho.

O Monsenhor Domingos descreve o rebanho que orienta como “muito extrovertido, muito frontal, muito simples, transparente”. Gente do mar, com um cincho especial: não é de guardar ressentimentos, mas também diz tudo o que tem para dizer pela boca fora. Reconhecendo que os “caxineiros” têm passado por inúmeras tribulações ao longo dos anos, o pároco aponta a fé como um “grande trunfo que a comunidade joga” nas circunstâncias diversas da vida.

“Esta comunidade é fustigada de vez em quando por situações de dor e de sofrimento e é nessas situações que ela demonstra a grandeza da sua fé, numa

atitude de aceitação dos desígnios de Deus e de uma onda de solidariedade que se estabelece entre eles, que os torna no fim de contas numa família”, revela, lembrando-nos as palavras de Fátima. *Nós aqui, na nossa zona, somos uma família. Somos pessoas de fé, pessoas que ajudam.*

O pároco confirma que, apesar das desventuras, a comunidade não se zanga com Deus e mantém uma fé inabalável. “A fé é uma riqueza muito misteriosa. Não haja dúvida que em certas situações de fragilidade humana, em que tudo se esvai, resta-nos esta pérola que é a fé. Esta é uma gente de muita fé, uma fé provada e dolorida também, uma fé experimentada. Eles assumem isso com grande garra. Transcendem estes momentos difíceis exactamente pela cultura e pela incultura da fé. Neles, e por eles nos outros. Sou daqueles que diz que nos unem mais as desventuras e a dor do que a alegria. A alegria é bonita, mas é passageira. A união na dor marca. Quando há aqui um acontecimento menos simpático, essas tragédias que já referenciei, este povo torna-se uma só família. Vive isto como se fosse um filho da casa. Isto dá também uma mística, uma alma, uma garra espiritual às pessoas para saberem superar essas lacunas”.

Talvez assim se expliquem os muitos barcos com nomes de santos ou com expressões de cariz religioso. “Ter um barco com um nome de um santo, para eles é uma glória, uma honra, e é também uma segurança porque se convencem que irão ter a protecção desse santo. E nós acreditamos mesmo que sim”, afirma o pároco.

Antes de sairmos de Vila do Conde, detemo-nos frente ao Memorial aos Náufragos, junto ao mercado. Por esta altura já o sol rasga o céu azul e a aragem se transformou em brisa suave. Dezenas de cruces de ferro entrelaçam-se, formando um barco enegrecido, apoiado por uma inscrição: “O mar devolve-me uma memória de ti. E nela te resgato para a eternidade”. É um murro no estômago: revivemos as histórias que ouvimos, recordamos os homens que “andaram ao mar” e no mar ficaram. No meio do ferro, o nosso olhar é desviado para um ramo de rosas brancas que, ao emoldurar uma das cruces, nos lembra que a fé perdura muito para além da tragédia. Abandonamos as Caxinas com um sorriso.

“Disse-lhes: «Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens.» E eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-no.”

(Mt 4, 19-20)

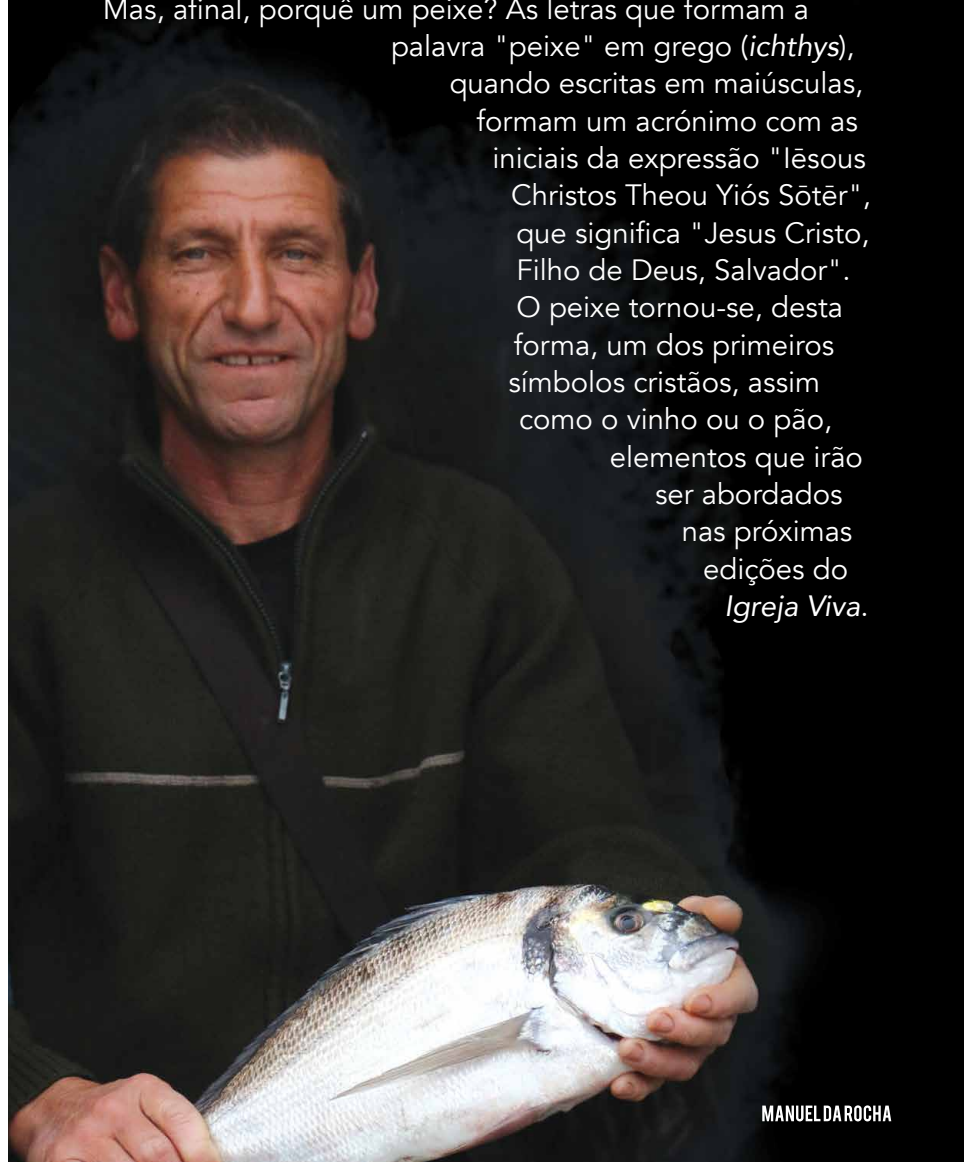
Por duas vezes o peixe foi objecto de milagre nas Escrituras, tornando-se símbolo de Cristo. A figura do pescador, comum na altura, também foi utilizada por Jesus para demonstrar o discipulado e a dimensão do Reino de Deus.

Nos primeiros séculos do Cristianismo, as perseguições contra os cristãos eram muito frequentes. A fé cristã era clandestina. Os cristãos primitivos usavam assim uma espécie de “códigos secretos” que lhes permitiam identificar-se mutuamente. Um desses códigos consistia na imagem de um peixe. Quando um cristão achava estar diante de outro, desenhava uma curva ou meia-lua no chão. Se a outra pessoa desenhasse outra meia-lua sobreposta à primeira, completando a figura de um peixe, haveria grande probabilidade de se tratar de outro seguidor de Jesus. O símbolo também era usado para identificar as catacumbas cristãs (como as Catacumbas de S. Calisto, em Roma) durante as perseguições contra a comunidade, de modo a que apenas os próprios cristãos identificassem os túmulos dos seus irmãos na fé.

Mas, afinal, porquê um peixe? As letras que formam a palavra “peixe” em grego (*ichthys*), quando escritas em maiúsculas, formam um acrónimo com as iniciais da expressão “*Iêsous Christos Theou Yíós Sôtēr*”, que significa “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. O peixe tornou-se, desta forma, um dos primeiros símbolos cristãos, assim como o vinho ou o pão, elementos que irão ser abordados nas próximas edições do *Igreja Viva*.



INSCRIÇÃO NAS CATACUMBAS DE S. CALISTO



MANUEL DA ROCHA



VEJA O VÍDEO DA REPORTAGEM EM
www.youtube.com/diocesebraga

“AO VÊ-LA, O SENHOR COMPADECEU-SE DELA”

X DOMINGO
COMUM C



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *O Senhor é minha luz e salvação*, F. Santos (BML 77/ CEC II, p. 53)
- **COMUNHÃO:** *Apareceu entre nós um grande profeta*, Az. Oliveira (IC, p. 391-392; NRMS 70)
- **PÓS-COM:** *Cantai ao Senhor, porque é eterno o Seu amor* (IC, p. 400; NRMS 37)
- **FINAL:** *Hino do Ano Santo da Misericórdia*

EUCOLOGIA

Orações próprias do X Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 404)
Oração Eucarística V/C com prefácio próprio (*Missal Romano*, pp. 1169ss)

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I 1 Reis 17, 17-24

Leitura do Primeiro Livro dos Reis

Naqueles dias, caiu doente o filho da viúva de Sarepta e a enfermidade foi tão grave que ele morreu. Então a mãe disse a Elias: "Que tens tu a ver comigo, homem de Deus? Vieste a minha casa lembrar-me os meus pecados e causar a morte do meu filho?". Elias respondeu-lhe: "Dá-me o teu filho". Tomando-o dos braços da mãe, levou-o ao quarto de cima, onde dormia, e deitou-o no seu próprio leito. Depois invocou o Senhor, dizendo: "Senhor, meu Deus, quereis ser também rigoroso para com esta viúva, que me hospeda em sua casa, a ponto de fazeres morrer o seu filho?". Elias estendeu-se três vezes sobre o menino e clamou de novo ao Senhor: "Senhor, meu Deus, fazei que a alma deste menino volte a entrar nele". O Senhor escutou a voz de Elias: a alma do menino voltou a entrar nele e o menino recuperou a vida. Elias tomou o menino, desceu do quarto para dentro da casa e entregou-o à mãe, dizendo: "Aqui tens o teu filho vivo". Então a mulher exclamou: "Agora vejo que és um homem de Deus e que se encontra verdadeiramente nos teus lábios a palavra do Senhor".

SALMO RESPONSORIAL Salmo 46 (47)

Refrão: Eu Vos louvarei, Senhor, porque me salvastes.

LEITURA II Gal 1, 11-19

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Gálatas

Quero que saibais, irmãos: O Evangelho anunciado por mim não é de inspiração humana, porque não o recebi ou aprendi de nenhum homem, mas por uma revelação de Jesus Cristo. Certamente ouvistes falar do meu proceder outrora no judaísmo e como perseguia terrivelmente a Igreja de Deus e procurava destruí-la. Fazia mais progressos no judaísmo do que muitos dos meus compatriotas da mesma idade, por ser extremamente zeloso das tradições dos meus pais. Mas quando Aquele que me destinou desde o seio materno e me chamou pela sua graça, Se dignou revelar em mim o seu Filho para que eu O anunciasse aos gentios, decididamente não consultei a carne e o sangue, nem subi a Jerusalém para ir ter com os que foram Apóstolos antes de mim; mas retirei-me para a Arábia e depois voltei

novamente a Damasco. Três anos mais tarde, subi a Jerusalém para ir conhecer Pedro e fiquei junto dele quinze dias. Não vi mais nenhum dos Apóstolos, a não ser Tiago, irmão do Senhor.

EVANGELHO Lc 7, 11-17

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, dirigia-Se Jesus para uma cidade chamada Naim; iam com Ele os seus discípulos e uma grande multidão. Quando chegou à porta da cidade, levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que era viúva. Vinha com ela muita gente da cidade. Ao vê-la, o Senhor compadeceu-Se dela e disse-lhe: "Não chores". Jesus aproximou-Se e tocou no caixão; e os que o transportavam pararam. Disse Jesus: "Jovem, Eu te ordeno: levanta-te". O morto sentou-se e começou a falar; e Jesus entregou-o à sua mãe. Todos se encheram de temor e davam glória a Deus, dizendo: "Apareceu no meio de nós um grande profeta; Deus visitou o seu povo". E a fama deste acontecimento espalhou-se por toda a Judeia e pelas regiões vizinhas.



ANO C — 2016
DÉCIMO DOMINGO

AQUI TENS O TEU FILHO VIVO

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO
Comunhão.

CARACTERÍSTICA
A comunhão na compaixão.

CONCRETIZAÇÃO: A Eucaristia dominical é, por excelência, a manifestação da misericórdia de Deus que nos olha com compaixão e que Se manifesta realizando hoje a obra do Seu Amor salvador. Como expressão dessa consciência, simbolicamente, poderá permanecer o logótipo do “Ano da misericórdia”, com os verdes, aos quais poderemos juntar o círio pascal.

MISSÃO

É esta a nossa missão: ser discípulos que continuam os gestos de Jesus, dando vida a todos e tendo para com cada pessoa, a começar na família, olhar de verdadeira compaixão – amor, serviço, atenção, ternura, carinho, verdade.

REFLEXÃO

Uma questão de vida! Deus tem sempre uma palavra de vida e de alegria. Eis a mensagem central que percorre os textos bíblicos do décimo Domingo (Ano C). Já no Antigo Testamento se tinha revelado o quanto a misericórdia de Deus é capaz de fazer brotar a vida: pela oração de Elias, Deus devolve a vida ao filho da viúva de Sarepta (primeira leitura). Em Naim, Jesus Cristo enche-se de compaixão e recupera da morte o filho de uma mãe mergulhada na tristeza (Evangelho): vitória da vida, vitória da alegria sobre as lágrimas (salmo), vitória do anúncio da alegria do Evangelho (segunda leitura), vitória da misericórdia.

"Aqui tens o teu filho vivo"

Nas origens da experiência profética de Israel destacam-se as figuras de Elias e Eliseu. Contudo, destes dois homens de Deus só conhecemos factos prodigiosos; não há referências a mensagens proféticas, o que seria de esperar, pois a palavra é a característica mais significativa do profetismo bíblico. A narração proposta para primeira leitura, retirada do Primeiro Livro dos Reis, coloca em evidência a figura de Elias, na sequência de uma série de textos que falam de reis que se distinguiram por terem usado o terror como instrumento ao serviço do poder.

Elias aparece como um "homem de Deus" (o título de profeta há-de surgir numa fase mais tardia) que actua contra a corrupção moral e espiritual da vida do povo de Israel. Com a intervenção de Elias, Deus quer interromper o ciclo de violência, opressão e apostasia que

caracterizava o Reino do Norte, no século nono antes de Cristo. Elias anuncia, como castigo, uma seca extrema, o que provoca a ira do rei Acab que lhe move uma perseguição. Elias refugia-se no deserto. E quando lhe falta a água recebe uma ordem divina para se dirigir a Sarepta de Sído, uma cidade no território fenício, isto é, pagão. O filho da viúva que acolhe o profeta morre, mas é devolvido à vida pelo poder de Deus que actua através do seu servo Elias: "Aqui tens o teu filho vivo". O texto oferece uma lição sobre a misericórdia de Deus: a infidelidade produz seca e morte; mas a obra de misericórdia realizada por uma pagã (não crente) — a viúva fenícia tinha acolhido Elias em sua casa — reabre as possibilidades de vida; a vida é sempre um dom do amor de Deus.

"Este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d’Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza [...] decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n’Ele fala de misericórdia. N’Ele, nada há que seja desprovido de compaixão. [...] Em todas as circunstâncias, o que movia Jesus era apenas a misericórdia, com a qual lia no coração dos seus interlocutores e dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham. Quando encontrou a viúva de Naim que levava o seu único filho a sepultar, sentiu grande compaixão pela dor imensa daquela mãe em lágrimas e entregou-lhe de novo o filho, ressuscitando-o da morte" (MV 8).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Preparação penitencial

- V/** Senhor, vós que triunfais com a vida sobre a morte!
- R/** Senhor, misericórdia. Ou *Kyrie, eleison!*
- V/** Cristo, que revelais o rosto misericordioso do Pai!
- R/** Cristo, misericórdia. Ou *Christe, eleison!*
- V/** Senhor, vós que sois a fonte da vida!
- R/** Senhor, misericórdia. Ou *Kyrie, eleison!*

Ou
Fórmula B: Tende compaixão de nós, Senhor... (*Missal Romano*, p. 442).

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãos e irmãs: o poder de Deus, que já se revelava em Elias, manifestou-se, em toda a plenitude, em Jesus Cristo, o Filho de Deus; Ele é a fonte de toda a vida. Voltados para Ele digamos:

R. Senhor, misericórdia!

1. A Igreja é lugar do discipulado, da vida que vem do Senhor: que ela nunca deixe de comunicar, por palavras e gestos, o Evangelho da Vida. Oremos!
 2. Os que governam são os primeiros promotores da vida: que eles promovam sempre a cultura da vida, desde o instante inicial à morte natural. Oremos!
 3. Há muitas mães amarguradas e tristes por terem perdido os seus filhos: que elas encontrem consolação e alento nos nossos gestos de proximidade e de amor. Oremos!
 4. Os cristãos são sempre defensores da vida: que cada um de nós se levante da morte da indiferença, da enfermidade, do egoísmo, da cobardia, da não decisão e da preguiça e sejamos os primeiros a abraçar a vida com amor. Oremos!
 5. As crianças e jovens trazem em si a beleza da vida: que nunca se sintam a mais no mundo, não tenham medo do futuro e descubram em Cristo o sentido e a plenitude das suas Vidas. Oremos!
- Deus, rico em misericórdia, acolhei com ternura as preces que os vossos filhos apresentaram e derramai sobre eles as vossas bênçãos. Por Nosso Senhor...

ADMONIÇÃO FINAL

O discípulo de Cristo não receia, não teme o tempo em que vive. Mesmo quando tudo parecer remar ao contrário, ele sabe que deve agir e pensar ao estilo de Jesus. Ficar indiferente à cultura da morte, não tomar a iniciativa de a denunciar, é acobardar-se, esconder-se, desistir da sua fé. Que a presença e a força do Espírito Santo nos interpele a ir em frente, com entusiasmo e audácia, sendo promotores felizes da vida. Durante esta semana vamos viver a comunhão na compaixão e estar ainda mais atentos a todas as pessoas que se cruzarem connosco.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene para o Tempo Comum V (*Missal Romano*, p. 562)



BLCS APRESENTA BOLSA SOLIDÁRIA DE MANUAIS ESCOLARES

A Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva (BLCS), em parceria com o Município de Braga, apresenta a 5.ª edição da “Bolsa Solidária de Manuais Escolares”, integrada no movimento nacional “Reutilizar” (Movimento pela Reutilização de Livros Escolares).

A iniciativa consiste na recolha, tratamento e disponibilização de manuais escolares usados. De acordo com a BLCS, o objectivo principal consiste na “redução dos custos de aquisição de manuais escolares por parte das famílias, permitindo a reutilização de livros sem gastos, contribuindo para a poupança familiar”. Criar uma rede social de

partilha, fomentando os valores da solidariedade, e promover atitudes responsáveis no âmbito da cidadania e educação ambiental são outras metas que a Bolsa pretende alcançar.

A Biblioteca possui uma base de dados onde constam os livros disponíveis, passíveis de empréstimo à comunidade em geral. No ano lectivo anterior, e através da mesma iniciativa, foram recolhidos cerca de 12.468 manuais, emprestados 6.084 exemplares, ficando ainda 3.649 manuais disponíveis. A Bolsa Solidária tem como destinatários os alunos que frequentam o ensino escolar do 1.º ao 12.º ano.



AGENDA

DE 25.05.2016 A 28.05.2016

VII TORNEIO DE JOGOS ROMANOS DE TABULEIRO EM FAMÍLIA

21h00 / Área pedagógica da Braga Romana

27.05.2016

CORTEJO TRIUNFAL "BRACARA AUGUSTA TRIUMPHALIS"

21h30 / Largo Barão de S. Martinho

28.05.2016

PEÇA DE TEATRO "HAMLET TALVEZ"

21h30 / Teatro Circo



CTT LANÇAM LIVRO SOBRE JESUÍTAS

Os CTT lançaram o livro “Jesuítas, Construtores da Globalização” pelas mãos dos investigadores Carlos Fiolhais e José Eduardo Franco.

De acordo com a comunidade jesuíta, o volume, que retrata a história mundial da Companhia de Jesus, revisita a história mundial da Ordem, “com foco especial na relação dos Jesuítas com a história da globalização portuguesa, pouco mais de duzentos anos após a

Restauração da Companhia de Jesus, decretada pelo papa Pio VII em 1814.”

A obra apresenta os “grandes marcos da Ordem, bem como a sua projecção mundial”, sublinhando as maiores inovações e sucessos sem, no entanto, ignorar “as fraquezas ou insucessos”. A Companhia de Jesus foi criada em Paris em 1534 por Inácio de Loiola e foi aprovada pelo papa Paulo III em 1540.



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Bispo Auxiliar de Braga, D. Nuno Almeida.



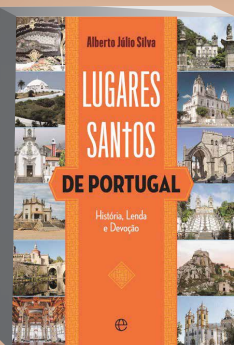
LEITOR DE CÓDIGO

Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



ALBERTO JÚLIO SILVA

LUGARES SANTOS DE PORTUGAL

“Lugares Santos de Portugal” proporciona ao leitor uma viagem por mais de 50 mosteiros, igrejas, capelas e ermidas do nosso país, bem como a História, lendas e festas religiosas associadas a cada um desses lugares. O livro destina-se a um público não especializado, que procure uma viagem pela vivência religiosa histórica e tradicional portuguesa. Alberto Júlio Silva nasceu em São Miguel de Poiares, Peso da Régua, em 1946. Em 2012, publicou “Os Nossos Santos e Beatos”, e “Outros que Portugal adoptou”. Em 1994, publicou a ficção literária “Silêncio do Lado de Lá”.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 26 de Maio a 2 de Junho de 2016.

PVP
18,90 €

10% *
Desconto